

## Relato de Experiência

### SER ARTETERAPEUTA - UMA AÇÃO POÉTICA

### BEING AN ART THERAPIST- A POETIC ACTION

Ana Carmem Nogueira<sup>9</sup>

#### Resumo

O presente relato de experiência trata da ação poética desenvolvida durante o VII Fórum Paulista de Arteterapia: intervenções na saúde, cuja provocação foi refletir sobre o Ser arteterapeuta por meio de uma viagem por territórios imaginados da Arteterapia. Portando um passaporte, os participantes podiam caminhar, intervir, questionar: o que é ser Arteterapeuta? De onde se está falando quando se pensa em ser Arteterapeuta? Quais são os nossos territórios? Quais nossos limites, margens, periferias? Nessa ação pudemos refletir sobre a importância da arte na Arteterapia na construção de novos territórios e nos levou a novos questionamentos: por quais caminhos andar? Qual a trilha? Onde estão as marcas? Quais são os territórios já vividos? Quais são os territórios que ainda estão para ser descobertos? Quais são as fronteiras?

**Palavras-chave:** Ação poética; Territórios; Arteterapia.

#### Abstract

The following experience report deals with the poetic action developed during the VII São Paulo Art Therapy Forum: interventions in health, whose provocation was to reflect on the Being an Art Therapist by means of a journey through the imagined territories of Art

---

<sup>9</sup> AATESP 200/0611, Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie. Graduação em Artes Plásticas. Especialista em Educação Especial com aprofundamento na área de deficiência visual e Arteterapia. Desenvolve pesquisa de pintura encaústica, ministra cursos desta técnica e atua como Arteterapeuta no Ana Carmen Ateliê de Arte. AATESP 200/0611

Therapy. Holding a passport, the participants could walk, intervene and question: what is to be an Art Therapist? Where are you talking from when you think of being an Art Therapist? What are our territories? What are our boundaries, margins and peripheries? In this action we were able to reflect on the importance of art in Art Therapy in the construction of new territories which led us to new questions: in which ways do we walk? What is the path? Where are the marks? What are the territories already lived in? What territories are still to be discovered? What are the limits?

**Keywords:** Poetic action; Territories; Art therapy.

A poesia não é apenas uma categoria da literatura, ela é também um modo de vida. Morin (2003) diz que é muito difícil existir uma felicidade contínua para a humanidade, pois a felicidade depende de uma série de condições. No entanto, ele acredita que devemos viver poeticamente nossas vidas. Se vivermos poeticamente, iremos encontrar momentos de êxtase, momentos de alegria. A poesia nos faz florescer, nos faz amar, comunicar, e isso nos é importante. “Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas, se o nada desaparecer, a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades” (BARROS, 2010, p. 7).

O poeta Manuel de Barros, em suas invenções cotidianas, mostra-nos como suavizar nosso olhar para o mundo que nos rodeia. É preciso, pois, poetizar a vida, olhar pela janela e se perder no voo do pássaro, da nuvem que vai se juntando para formar a tempestade, da criança que corre para pegar a bolha de sabão, do homem que, sentado no banco da praça, perde seu olhar nas lembranças de algo que já se foi. Precisamos resgatar nossas sabedorias dos nadas. Precisamos de ações poéticas para nos trazer clamores escondidos. Bachelar (2008, p. 6) afirma que “a poesia é um compromisso da

alma”. A poesia nos traz imagens poéticas de experiências vividas que são os ruídos de nosso passado incorporado ao nosso presente se abrindo para o futuro.

A proposta da ação poética surgiu durante a organização do VII Fórum de Arteterapia. Em junho de 2017, participei da organização do III Simpósio Internacional Formação de Educadores em Arte e Pedagogia na Universidade Presbiteriana Mackenzie. O evento é realizado pelos Grupos de Pesquisa: GPAP - Arte na Pedagogia e GPeMC - Mediação Cultural: provocações e contaminações estéticas, ambos inseridos no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura/UPM. Neste evento fui *anjo* de duas artistas, Lilian Amaral e Lucimar Bello. Demos o nome de *anjos* para os membros dos grupos responsáveis por atender às necessidades de cada palestrante.

A ação poética de Lilian Amaral iniciava quando cada participante recebia sua pasta e, dentro dela, havia um pedaço de tecido para ser bordado, agulha e lã e pedia que cada um bordasse uma palavra. Terminado o bordado, cada participante o colocava em cima de uma mesa criando uma imensa colcha de palavras bordadas. De uma simplicidade ímpar, aqueles pequenos objetos do cotidiano feminino envolveram a todos, homens e mulheres, sabedores, ou não, da arte do bordado a bordarem palavras, espaços, devaneios, nada. Enquanto escutavam as mesas, as pessoas bordavam e refletiam sobre o que escutavam, compartilhavam o que faziam, exibiam com orgulho os seus bordados – surgia, talvez, uma esperança de um algo a mais. Sim, poesia.

Lucimar Bello propôs a ação “Desenhos de Comer’. Vestida de chefe de cozinha, Lucimar colocou pequenos potes escuros de barro, feitos pelas paneleiras de Goiabeiras de Vitória do Espírito Santo, sobre uma grande mesa, forrada com uma linda toalha branca de tecido, no meio do corredor do auditório. Dentro deles havia pequenos doces brancos encomendados de cozinheiros artesões sírios da região cerealista da cidade. A

artista convidava a todos a degustar as pequenas porções. As ações geravam atos estéticos, éticos, políticos, culturais, partindo de comíveis miúdos. As pequenas coisas eram erguidas com a ponta dos dedos, delicadas pinças a levar para a boca. Na boca, o gosto; do gosto, o sorriso; do sorriso, o compartilhar um momento de suspensão.

Os bordados e os Desenhos de Comer foram experiências na arte, na cultura, na vida; pequenas ações que geraram descobrimentos, encontros e acontecimentos – experiências estéticas.

### **Da experiência estética**

Antes de refletirmos sobre o *Ser Arteterapeuta*, de onde falamos quando nos pensamos Arteterapeutas, é necessário pensar sobre a experiência estética.

Para Larrosa (2004, p. 154), a experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. A experiência pede que se desacelere, que se pare para prestar atenção ao que acontece ao nosso redor, ao que o outro fala, ao que o corpo sente. É um suspender a opinião, de julgamento, é o prestar a atenção ao que está fazendo, cultivar a paciência e a delicadeza. Experiência é nos dar tempo para observar e escutar. Por meio da experiência, tornamo-nos cúmplices e observadores. Cúmplice no sentido de colaborar em uma ação, e observador no sentido de um exame atento, apurado de um fato ou evento. A experiência é o nosso modo de estar no mundo.

[...] Será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo [...] se percebemos com nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 278).

Entendemos, portanto, que a experiência é a situação pela qual passamos e que tem a capacidade de nos transformar. Ela nos traz instabilidade, mas ao mesmo tempo

nos move, nos dá insegurança, mas oferece descobertas. A experiência é o abrir-se ao desconhecido, estabelecer relacionamentos, elaborar novas conexões e tecer novos conhecimentos (NOGUEIRA, 2010).

A palavra estética vem do grego *aisthethiké*, que significa “aquele que nota, que percebe”. Estética é estudo do belo nas manifestações artísticas e naturais. Na perspectiva da fenomenologia, a experiência estética

proporciona aos sujeitos expandir seu olhar diante da realidade, transcendendo os esquemas perceptivos que condicionam nosso olhar cotidiano, quase sempre mediado por preconceitos e crenças limitadoras. A arte muitas vezes propõe questões para o espectador e o desafia a olhar determinada coisa por outros ângulos, mobilizando nele a potência criativa que iniciada no olhar pode ser estendida para o plano das atitudes, pensamentos e ações (REIS, 2011, p. 34).

Não se pode, portanto, dissociar o trabalho arteterapêutico da experiência estética, pois ela é um dos fundamentos da ação para expandir horizontes, desafiar novos olhares e proporcionar deslocamentos, para que possam ocorrer transformações pessoais e sociais. É por meio da experiência estética que o novo se abre, o estar no mundo se acentua, o perceber floresce.

Duarte Júnior (2008) explica que, quando se vivencia uma experiência estética, vive-se um momento de suspensão. A percepção do mundo modifica-se e se passa a compreender a verdade contida no objeto estético, dando sentido ao que se vivencia.

### **Experiência estética, ação poética e o agir do Arteterapeuta**

A proposição de uma ação poética é uma maneira de vivenciar uma experiência estética e poetizar o cotidiano, a comunicação e a maneira de estar no mundo. Entende-se a ação poética como um agir político por meio do qual se sente potente para agir no mundo e nos diferentes territórios da profissão. Ao pensar os espaços por meio da ação

poética, pretende-se provocar uma reflexão sobre a ação mediadora e abrir caminhos para uma melhor percepção do mundo como um ser ativo em todas as áreas de atuação do Arteterapeuta. Para Martins (2012, p. 14), a ação mediação é um “estar entre muitos”, conceito que se aperfeiçoa “na consciente percepção da atuação do mediador que está entre muitos, seja na escola, no museu, nas praças e ruas” e nos *settings* de Arteterapia.

Os Arteterapeutas vêm de múltiplas formações e, por isso, movem-se por diferentes territórios. Foram mapeados oito territórios, na área de Arte & Cultura, por Martins e Piscoque (2008) e apresentados na Proposta Curricular do Estado de São Paulo para a disciplina de Arte – Ensino Fundamental – Ciclo II e Ensino Médio de 2008: linguagens artísticas, processo de criação, materialidade, forma-conteúdo, mediação cultural, patrimônio cultural, saberes estéticos e culturais.

A ideia é a de que cada um desses territórios oferece diferentes direções para o estudo da arte, como uma cartografia – um mapa com movimentos incessantes de descobertas, uma vez que oferece diferentes trilhas que apresentam novas paisagens. Esses territórios partem do princípio do rizoma e seus conceitos. O termo rizoma vem da botânica. É um tipo de caule que se espalha em diferentes direções, mergulhando no solo e voltando à superfície. Deleuze e Guattari (1995) utilizam esse termo em “Mil platôs” por entenderem que cada ponto pode se comunicar com qualquer outro sem hierarquia. Para Martins (2010, p.190), o rizoma de que tratam Deleuze e Guattari (1995) é uma proposta de pensamento em que há:

- conexão – qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo;
- heterogeneidade – qualquer conexão é possível, marcando um arranjo por elementos e ordenações distintas;

- multiplicidade – não há noção de unidade, há um arranjo de linhas que se definem por fora, pela desterritorialização, segundo a qual as linhas mudam de natureza aos se conectarem às outras;
- ruptura de hierarquização – não há uma única direção, pode ser rompido ou quebrado em qualquer lugar e também retomado segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas;
- cartografia – pode ser mapeado, tal cartografia nos mostra que ele possui entradas múltiplas, isto é o rizoma pode ser acessado de infinitos pontos, podendo daí se remeter a quaisquer outros pontos em seu território

Pressupõe-se que muitas das questões importantes da prática da Arteterapia requerem modos de pesquisa baseados em princípios do saber artístico. Aos territórios da Arte & Cultura somam-se novos territórios inventados, criados para Arteterapia.

Criar é, basicamente, formar. É poder dar forma a algo novo. O ato criado abrange “a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar” (OSTROWER, 1987, p. 9). Em vista disso, podemos dizer que existe uma relação entre criatividade, desenvolvimento pessoal, atualização de potenciais, ajustamento emocional, auto realização, integração ao meio e autoconhecimento. O potencial criativo é inerente ao homem e está presente no próprio processo evolutivo da humanidade.

## Sobre a Arteterapia

A Arteterapia é uma nova integração de disciplinas anteriormente separadas. McNiff (1998) diz que a arte é o contribuidor primário para o surgimento da Arteterapia. Em seu curso de Mestrado e Doutorado, em *Expressive therapies* na Lesley University, Cambridge, USA, seus alunos estavam interessados em focar suas atenções no processo do fazer artístico e suas relações com a criação. Dessa forma, esses alunos estiveram comprometidos com a realização de suas visões sobre os poderes curativos da arte. O questionamento artístico como base de pesquisa envolveu uma completa reversão de paradigma, desde que a arte foi considerada a matéria-prima para métodos de pesquisa psicológica que analisam os processos e objetos da criação.

O fato de pensar a partir das próprias vivências e dos objetos de estudo, nos fez questionar quais seriam os territórios da Arteterapia além daqueles que já havíamos agregado à nossa rede. Pretendemos aqui não impor territórios, mas abrir discussão, espaços e inquietações para o mapeamento dos diversos territórios sobre os múltiplos olhares de outros Arteterapeutas por meio de suas culturas e experiências vividas e sentidas.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 22).

É necessário entender por onde se está caminhando, para onde se quer ir e o que se quer construir. Tudo é fluido, as relações se derretem, as fronteiras se liquidificam. Há um constante movimento e modificação e, por isso, a vida é redefinida a cada instante numa eterna busca por uma nova identidade. Partindo, talvez, dessa certeza, a artista Ana Teixeira faz, desde 2003, a intervenção urbana “Outra Identidade”, que caminha

pelas ruas da cidade com um carrinho, propondo para que as pessoas troquem ou escolham uma nova identidade.



**Figura 01-** Intervenção urbana "Outra identidade"  
**Fonte:** Arquivo pessoal de Ana Teixeira

São cédulas de identificação como as habitualmente usadas no Brasil, sem nome, número ou foto e com frases. Pode-se escolher entre nove modelos de carteira de identidade. No lugar do nome, uma frase. Em troca, a pessoa imprime sua digital num caderno que fica com a artista. Esta ação provou questionamentos sobre o que significa ser Arteterapeuta e por quais territórios dever-se-ia caminhar.

A primeira imagem de território, ou a imagem primordial para este trabalho, foi a do artista chinês Qiu Zhijie na 31ª Bienal de Artes de São Paulo, que pintou na parede um grande mapa onde foram criados territórios imaginários da cultura.



**Figura 02 – “Map” de Qiu Zhijie**  
**Fonte:** <https://goo.gl/images/tuYbWR>

Era possível, então, inventar novos territórios. Surgiu a ideia, então, a partir da intervenção cultural da artista Ana Teixeira, para este trabalho, de fazer um passaporte para viajar por essas novas paisagens.

### **Etapas da intervenção no VII Fórum**

Para o VII Fórum Paulista de Arteterapia, foram inventados dezesseis territórios da Arteterapia além dos oito da Arte & Cultura. Neles, foram desbravados novos locais, perdendo-se por suas vias e teias de sentidos e elucubrações fantásticas para se descobrir. Alguns territórios foram deixados em branco com a proposta de que os participantes refletissem sobre a veracidade do que foi construído e se assumissem, ou não, como parte do que se é. Além disso, foi proposto que desenhasssem novos territórios e discutissem sobre o lugar de onde se fala, quem somos, quais são as bagagens trazidas, onde se encontram as fronteiras, quem são os intercessores, quais são os territórios de cada um.

Ao pensar os territórios que iria desenhar, imaginou-se um sobrevoo pelos territórios que tivessem bem marcada a geografia física. Deveria ser um olhar de sobrevoo para possibilitar um mergulho. Iniciou-se pela cordilheira dos Andes como um desafio que seria difícil de transpor. A escolha da imagem – que deveria oferecer uma perspectiva e uma noção de profundidade – foi feita pelo *site* de busca Google.

Para cada território, foi escolhido um tipo de relevo e sua relação com o significado do espaço. Era poético pensar em um lago dos processos de criação, como algo profundo e caudaloso, ou falésias da forma e conteúdo de uma riqueza de cores e diferentes configurações e formatos.

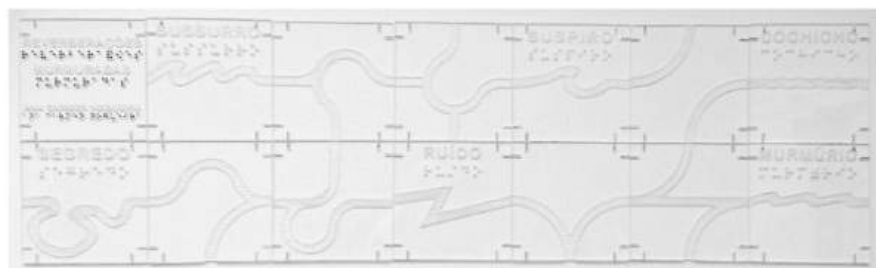
O suporte para os desenhos foram placas de *foamboard* de 28 x 28 cm que sobraram de uma instalação feita por Dado Brettas na Feira Mundial de Shanghai, representando a cidade de São Paulo em 2010.



**Figura 03-** Pavilhão de São Paulo na Expo 2010 em Shanghai

**Fonte:** <https://www.ps2.com.br/projetos/cidade-limpa-na-expo-shanghai/sao-paulo-cidade-limpa-expo-shanghai-identidade-visual/>

As conexões foram pensadas no rizoma, mas a solução veio do livro de artista acessível “Reverberações Murmuradas” que fiz em 2010.



**Figura 04-** “Reverberações Murmuradas”, livro de artista acessível

**Fonte:** arquivo pessoal Ana Carmen Nogueira

São catorze placas de acrílico, das quais sete com as palavras escritas no sistema *Braille* e na escrita convencional em baixo relevo. Cada uma dessas palavras possuía um desenho correspondente em baixo relevo. As outras sete placas propunham entradas e saídas dentro dos espaços. Não existiam caminhos pré-estabelecidos, apenas

possibilidades de rotas. Não havia uma predeterminação: cada um escolhia seu caminho, traçava a maneira que queria vivenciar o espaço. Todos os caminhos poderiam ser percorridos pelo olhar e/ou pelo tato.

O critério da escolha dos materiais relacionou-se ao custo, reaproveitamento e acessibilidade. As placas de *foamboard* foram forradas com papel cartolina branca 180g. O papel cartolina e o lápis preto são materiais conhecidos que não requerem altos gastos e conhecimento técnico elevado. Além disso, é possível usar em qualquer ambiente. Cada um dos territórios desenhados com lápis grafite 6b recebeu uma camada de encáustica (cera de abelha + resina + cera de carnaúba). para proteger o desenho e deixar livre a sua manipulação. Era importante que os participantes do Fórum tivessem a experiência tátil da manipulação dos territórios, que pudessem mudar de lugar, passar as mãos, sentir o cheiro e encontrassem caminhos e ressonâncias.



**Figura 05-** 18 Territórios da Arteterapia  
**Fonte:** Arquivo pessoal Ana Carmen Nogueira

Para os passaportes, contou-se com ajuda indispensável de Dado Brettas, maior incentivador deste trabalho. Foi apresentada a ideia do passaporte como forma de as pessoas caminharem por cada território e sentirem que estiveram lá. O passaporte é o documento de identidade emitido pela autoridade de um Estado para o livre trânsito de

seus nacionais no país que lhes admite o ingresso em seu território. Foi criado assim o passaporte *Passaparte*, dos Territórios da Arteterapia, pessoal e intransferível.



**Figura 06-** Passaporte dos Territórios da Arteterapia  
**Fonte:** Foto arquivo pessoal Ana Carmen Nogueira

A capa do passaporte foi feita de papel *kraft* com pintura *sumi-ê* com uma camada de encáustica. As páginas do passaporte seguiram o mesmo desenho do passaporte brasileiro. Dentro estavam explicações sobre seu uso e a identificação do seu portador, além das folhas onde deveriam ser carimbadas as entradas pelos diferentes territórios. Os carimbos dos diferentes territórios foram feitos a partir das invenções territoriais e desenvolvidos por pesquisa dos carimbos de passaporte existentes no mundo por Dado Brettas, que fez a arte e os carimbos. O texto do passaporte diz:

Este passaporte é um convite, um desafio e uma provocação para novos olhares, descobertas e investigações sobre os territórios da Arteterapia. Pensando que nosso objeto e modos de investigação é o uso da arte, vamos percorrer os diferentes territórios da Arteterapia na tentativa de entender e descobrir quais são e como nós, arteterapeutas agimos neles. Como a experiência criativa nos afeta? Como o processo artístico pode auxiliar nossa atuação como arteterapeuta? Como pensamos o ser artista e a arte; o ser artista e o espaço; as imagens e o espaço; estar entre artistas; estar entre imagens; e estar entre a arte e a Arteterapia? Quais são os territórios da Arteterapia?

Os territórios são uma invenção que podem ser modificados a partir do olhar de cada um.

Eles são conectáveis, podem se juntar criando novos territórios com novas conexões oferecendo diferentes possibilidades de transitar entre eles sem hierarquia.

Aqui apresentamos a proposta de 24 territórios. Para cada entrada em um território carimbe o seu passaporte. Além dos carimbos de entrada nos territórios, estão disponíveis carimbos de frases de ação. Use como quiser, apenas **não** carimbe nos territórios. Caso queira colocar a frase em algum território, carimbe no Post It e cole onde quiser. Vamos viajar?

Cada um dos territórios foi poeticamente pensado:

Território	Descrição
<b>1. Cordilheira das Linguagens artísticas</b>	artes visuais, música, teatro, dança, artes visuais são um conjunto de montanhas de saberes que se relacionam geologicamente criando ramos e cadeias de montanhas de saberes secundários.
<b>2. Lago do Processo de criação</b>	acumulação permanente da criação e da invenção em grande extensão numa depressão de terreno fechada que pode oferecer a compreensão sobre o percurso criador que envolve projetos, esboços, estudos, protótipos, diálogos com a matéria e tempo de devaneio.
<b>3. Vale da Materialidade</b>	terreno baixo e mais ou menos plano, à margem de um ribeirão, oferecendo matéria que dá consistência física à obra de arte.
<b>4. Falésias da Forma e conteúdo</b>	é uma encosta íngreme e vertical exuberante na forma e lugar onde está o conteúdo.
<b>5. Baía Mediação Cultural</b>	é a entrada de água da produção artística rodeada por terra de todos os segmentos e agentes viabilizando o acesso à experiência estética
Território	Descrição
<b>6. Planalto Patrimônio Cultural</b>	o nosso olhar é ampliado sobre a superfície elevada e plana da cultura e entalhada por vales das heranças culturais a uma certa altitude acima do nível do mar que marcam e dão referência sobre quem somos.
<b>7. Mata dos Saberes estéticos e culturais</b>	é uma área coberta de plantas silvestres dos saberes de portes diversos pertencentes ao campo da estética
<b>8. Pantanal Conexões Transdisciplinares</b>	é a maior planície alagável do mundo; é o elo entre as outras áreas de conhecimento.
<b>9. Enseada da Formação de arteterapeutas</b>	pequena baía na costa de mar da ética, que serve canal para o encontro com o outro.
<b>10. Rio da Diversidade</b>	é um curso natural de água, que flui para o mar da ética no sentido da variedade, pluralidade, diferença.
<b>11. Colina da Experimentação</b>	pequena elevação de terreno com declive suave que provoca observações em condições especiais.
<b>12. Plantação da Construção</b>	espaço plantado de um terreno com organização e criação de algo.
<b>13. Planície da Reflexão</b>	grande extensão de terreno plano que oferece oportunidade para meditação sobre fatos, conceitos, circunstâncias
<b>14. Península da Transdisciplinaridade</b>	porção de terra de certa extensão, cercada de água por todos os lados, salvo por um, através do qual se une o trabalho em que dois ou mais profissionais de diferentes disciplinas dividem informações e experiências além das fronteiras tradicionais
<b>15. Cataratas Biopsicoantropossociais</b>	é um desnível brusco no leito fluvial; causa a queda de um grande volume de estudos que integrem outros campos do conhecimento – biológicos, psicológicos, antropológicos e sociais.
<b>16. Entroncamento da</b>	é um tipo de cruzamento constituído pela junção ou bifurcação de área

<b>Atuação Híbrida</b>	de atuação, ampliando conhecimentos sobre áreas correlatas ou ligadas à <i>performance</i> .
<b>17. Floresta da Promoção da saúde</b>	denso conjunto de árvores que cobrem vasta extensão de terra para melhorar a qualidade de vida e o bem-estar.
<b>18. Rio de Janeiro da Inserção social</b>	cidade utópica que contém o sonho de políticas públicas de redução da desigualdade social, inserindo, em termos sociais e econômicos, pessoas que estão à margem da sociedade.
<b>19. Mar da Ética</b>	vasta extensão da água de valores que regem os relacionamentos interpessoais, como as pessoas se posicionam na vida, e de que maneira elas convivem em harmonia com as demais
<b>20. Ilha do Setting Arteterapêutico</b>	extensão de terra firme cercada de modo durável por água do mar da ética; é um espaço seguro de criação de metáforas, de expressão e desenvolvimento.
<b>21. Lago Huacachina Corpo de</b>	tem uma extensão limitada e é perceptível pelos sentidos. Está em uma região costeira; seu relevo é pouco acidentado e é constituído por deserto da incerteza, vale da materialidade, oásis da esperança

---

<b>Território</b>	<b>Descrição</b>
<b>22. Espaço do Vórtice Ciclônico</b>	trata-se da extensão que contém a matéria existente, da parte que ocupa um objeto sensível, local onde é possível investir tempo e energia. É uma área onde os ventos, nos níveis mais altos da atmosfera, giram no sentido horário, favorecendo a ocorrência de chuvas que fertilizam o solo dos territórios da Arteterapia. Lugar onde os arteterapeutas têm experiências com as suas próprias produções de imagens.
<b>23. Universo da Filosofia</b>	reflete a articulação do conhecimento do arteterapeuta e os limites da existência. É uma forma de ser e de diferentes maneiras de ofertar este conhecimento de maneira que outras pessoas possam beneficiar-se dele.
<b>24. Cosmos Mente</b>	oferece a mente apta a organizar os conhecimentos e capaz de unir e solidarizar conhecimentos separados; é capaz de caminhar por todos os territórios da Arteterapia com ética em prol da humanidade.

---

Cada território foi pensado poeticamente para oferecer a oportunidade de um mergulho na experiência estética e de refletir sobre como se produz o processo de criação dentro de cada um.

## Resultados obtidos



No final do evento, depois dos debates da segunda mesa, iniciou-se a viagem pelos Territórios da Arteterapia. Primeiro foi passado um vídeo com imagens do cosmo e do planeta Terra visto do espaço para um relaxamento e uma forma de iniciar a jornada. Anteriormente, durante a palestra da segunda mesa, placas dos territórios foram distribuídas aleatoriamente pelo auditório. Foi pedido que cada pessoa segurasse o território e depois o levasse para frente para se juntar aos outros em cima do palco do auditório. A arrumação dos territórios não era fixa e nem obrigatória. A cada arranjo novo foi pedido que tirassem uma foto e enviassem por *whatsapp* colocando o nome de quem estava enviando. Se quisesse, poderia dar opinião sobre a ação e seus territórios



**Figura 08-** Participantes do VII Fórum Paulista de Arteterapia fazendo as conexões dos Territórios

**Fonte:** arquivo pessoal Ana Carmen Nogueira

Os carimbos dos territórios ficaram na ponta do palco junto com os carimbos das frases ao lado. Foram feitas 37 frases em carimbos referentes a uma ação envolvendo arte.



**Figura 09-** Participantes carimbando os seus passaportes  
**Fonte:**arquivo pessoal de Ana Carmen Nogueira

- |                  |                    |                    |
|------------------|--------------------|--------------------|
| 1.. Faça Arte    | 13.Use Arte        | 25.Sinta Arte      |
| 2..Conheça Arte  | 14.Experencie Arte | 26.Viva Arte       |
| 3. Descubra Arte | 15.Aproveite Arte  | 27.Analise Arte    |
| 4. Descubra Arte | 16.Invente Arte    | 28.Frua Arte       |
| 5. Discuta Arte  | 17.Crie Arte       | 29.Desfrute Arte   |
| 6. Reflita Arte  | 18.Valorize Arte   | 30.Use Arte        |
| 7. Observe Arte  | 19.Conceba Arte    | 31.Experencie Arte |
| 8.Sinta Arte     | 20.Conheça Arte    | 32.Aproveite Arte  |
| 9.Viva Arte      | 21.Descubra Arte   | 33.Invente Arte    |
| 10.Analise Arte  | 22.Discuta Arte    | 34.Crie Arte       |
| 11.Frua Arte     | 23.Reflita Arte    | 35.Valorize Arte   |
| 12.Desfrute Arte | 24.Observe Arte    | 36.Conceba Arte    |

As frases poderiam ser usadas em qualquer lugar, dentro dos passaportes, nos *Post it*, nas folhas das pastas. Apenas diretamente nos territórios não era permitido carimbar.

Essas frases enfatizavam a importância da arte dentro da Arteterapia, mas também a importância da arte como forma de expressão livre, reflexiva, autônoma e cultural do mundo e de como se relaciona com ele. Foram elaboradas para provocar, contaminar, instigar, encorajar uma reflexão de uma ação na arte. Considerando a realidade vigente, onde arte se tornou um assunto perigoso, polêmico e que alguns se veem no direito de censurar, as frases, como Faça Arte, Pense Arte, Visite Arte, Não Censure Arte, foram colocadas para serem usadas como um grito e também como um posicionamento. Qual é o posicionamento dos Arteterapeutas em relação à arte?

Treze placas de *foamboard* de 28 x 28 cm, com cartolina e com marcas em lápis das entradas dos territórios foram disponibilizadas para serem feitos novos territórios que deveriam se juntar aos que já existiam. Os novos territórios poderiam ser uma criação coletiva ou individual. Para ser considerado território pronto, era preciso ter um nome e manter as conexões rizomáticas dos territórios já prontos. *Post it* amarelos foram grudados em alguns territórios com alguma reflexão sobre aquele território ou sobre toda ação por meio de frases e carimbos.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2004, p. 160).

Era preciso o tempo da reflexão para observar cada um dos territórios, perceber os seus caminhos, mergulhar em seus rios e mares, descobrir a sua vegetação e se perder nas paisagens. Cada fronteira produzia um encontro, tanto no desenho como também no significado territorial. Vivacqua (2011) explica que as bordas, os espaços limites entre os territórios são os lugares mais férteis e produtivos que se pode encontrar para a biodiversidade.

Das treze placas em branco disponibilizadas para criação de novos territórios, duas ficaram em branco. Em cinco delas, foram criados e nomeados novos territórios. A esses novos territórios será passada uma camada de encáustica para sua proteção e adicionados os nomes, e eles se juntarão aos Territórios da Arteterapia após a justificativa de suas existências. Duas placas foram levadas pelos participantes com a promessa de que iriam terminar e me enviar de volta, e outras quatro placas foram consideradas territórios perdidos, usurpados sem conexão ou comunicação.



**Figura 10-** Diferentes visões da ação poética  
**Fonte:** arquivo pessoal Ana Carmen Nogueira



**Figura 11-** Novos Territórios conectados aos já existentes com interferências dos Post It  
**Fonte:** arquivo pessoal Ana Carmen Nogueira

Os territórios perdidos, anexados a outros mundos perderam suas conexões rizomáticas, sua razão de ser, sua identidade cultural e relacional. A obra só se completa com o agir do outro e a construção de cartografias onde se mantenham

suas conexões rizomáticas. Sem esse agir, as placas são apenas placas. Espera-se que eles possam voltar para se conectarem aos outros e construir assim novos Territórios da Arteterapia.

Data de recebimento: 29.11.2017  
Data de aceite 1º. Parecerista: 17.02.2018  
Data de aceite 2º parecerista: 20.02.2018

## Referências

- BACHELAR, G. **A poética do espaço**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARROS, M. de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In.: **Mil Platôs** - capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed: 34, Vol.1, 1995.
- DUARTE JÚNIOR, J.-F. **Por que arte-educação**. 19 ed. Campinas, SP: Editora Papyrus, 2008.
- KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- LARROSA, J. B. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MARTINS, M. C. e PICOSQUE, G. Proposta curricular do Estado de São Paulo para a disciplina de Artes: Ensino Fundamental – Ciclo II e Ensino Médio. In: FINI, M. I. (Coord.) **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**: Arte. São Paulo: SEE, 2008.
- MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; TELLES, M. T. **Teoria e prática do ensino de arte**: a língua do mundo. São Paulo: FTD, 2010.
- MARTINS, M. C. F. D. et. al. Grupo de pesquisa em mediação cultural: reflexões sobre pesquisa colaborativa na aproximação entre arte e público. In: **II Encontro Internacional sobre Educação Artística (2EI\_EA)** acerca da implicação da ação na construção de narrativas contemporâneas. Porto, Portugal, 2012.
- MARTINS, J. S. **Atuação do fisioterapeuta na realidade escolar de crianças com deficiência física**: uma perspectiva integradora. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- McNIFF, S. **Art-based research**. Londo and Philadelphia: Jessica Kingley Publishers, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 3. ed. Martins Fontes: São Paulo, 2006.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NOGUEIRA, A. C. F. **Lygia Clark**: uma experiência de arte na vida de jovens cegos. São Paulo, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie.

REIS, A. C. A experiência estética sob um olhar fenomenológico. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 63, n.1, p. 75-86, 2011. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672011000100009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 13 nov. 2017.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

VIVACQUA, F.A. Maximizando Bordas. In: **Na Borda** – nove coletivos e uma cidade. São Paulo: Invisíveis Produções, 2011.